

OIKOS σ

Revista de economia heterodoxa
nº 9, ano VII • 2008
ISSN 1808-0235



Fundação Universitária
José Bonifácio



CCJE/UFRJ



UFRJ

ie.

O marxismo latino-americano de Mariátegui

The Latin-American Marxism of Mariátegui

JULIANA AMORETTI | jua@terra.com.br

Doutoranda do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC) da Universidade de Brasília (UnB).

Resumo O presente artigo faz uma reflexão crítica sobre a influência do marxismo na obra do escritor peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930). No exame de seus textos, perspectivas como o materialismo histórico e a dialética são apresentadas como ferramentas úteis e atuais para a realização de análises sociais. Como resultado da leitura reflexiva da obra de Mariátegui, especialmente em seus ensaios sobre a economia, a questão da terra e do índio, percebe-se que a criação literária do autor permanece relevante para as ciências sociais, sendo exemplo de releitura e defesa do marxismo e valorizando a produção intelectual que brota originalmente da América Latina. **Palavras-chave** Mariátegui, Marxismo, América Latina.

Abstract In the present paper, it is analyzed the influence of Marxism on the work of Peruvian writer Jose Carlos Mariátegui (1894-1930). From the examination of his texts, concepts such as historical materialism and dialectics are presented as still useful tools for social analysis. As a result of the study of Mariátegui's work, especially his works on economics, the issues of land and the native populations, the paper shows that the contributions of the author remain relevant for the social sciences today, and it stands as an example of applied Marxian theory to social analysis and of the academic value of the works originally produced in Latin-America. **Keywords** Mariátegui, Marxism, Latin-America.

No queremos, ciertamente, que el socialismo sea en América calco y copia. Debe ser creación heroica. Tenemos que dar vida, con nuestra propia realidad, en nuestro propio lenguaje, al socialismo indoamericano (MARIÁTEGUI, 1928).

A literatura desempenhou importante função na busca da afirmação cultural dos povos da América Latina, especialmente no fim do séc. XIX e início do séc. XX, quando o imperialismo europeu e o expansionismo norte-americano se impuseram nos países do continente. Parte do pensamento produzido naquele período segue atual, contribuindo para enfrentar as contradições do capitalismo e os desafios da construção de um mundo melhor.

Segundo Edward Said (1995), a partir da consciência dos problemas sociais criou-se uma “literatura de resistência” que se propõe a rever as certezas universalizantes do colonizador. Desse modo, romances históricos se caracterizam pela reinterpretação do passado, livres do arcabouço conceitual do europeu. A produção intelectual se constituiu em uma forma cultural de significativa importância na formação de “estruturas de atitudes e referências” presentes no sentimento e na prática da população.

A capacidade da obra literária de incorporar diferentes tempos sociais, línguas, visões de mundo regionais e universais propiciou expressões de diferentes temporalidades históricas e culturais no processo de formação dos países latino-americanos. Na criação da produção intelectual indigenista, destaca-se a obra de José Carlos Mariátegui (1894 - 1930) que, a partir de uma perspectiva socialista, desenvolve um projeto autêntico da América Latina, pensando um mundo moderno e mais igualitário para as classes historicamente exploradas e pobres, sobretudo os indígenas.

José Carlos Mariátegui escreveu intensamente e teve uma vida militante em meio à efervescência cultural e política no Peru. Entre 1925 e 1926 formavam-se dezenas de grupos em várias regiões do país, com inquietações artísticas, sociais e políticas, promovendo difusão cultural e debates reivindicativos. Era o vanguardismo estético-político peruano. Grupos estudantis, artistas, trabalhadores e indígenas estavam organizados quando Mariátegui desenvolve o projeto “Novo Peru”¹. Um projeto socialista na contramão da ortodoxia marxista, que desmonta dicotomias como nacionalismo e cosmopolitismo ou tradição e vanguarda (BEIGEL, 2005). Sua aspiração é estabelecer um diagnóstico nacional, simbolizando um corte radical com as visões oligárquicas e colonialistas.

1 José Carlos Mariátegui cria a revista *AMAUTA*, aprofunda as idéias do indigenismo em sua obra e afirma a vanguarda revolucionária do continente a partir do universo cultural e político dos camponeses. Escreve no espírito de “criar um Peru novo, dentro do mundo novo” (SADER, 2006).

Após ter sido acusado de intelectual europeizante, dedica-se à tarefa coletiva de “peruanizar” o Peru, refletindo caminhos sobre a questão do índio, considerado por ele o problema primário do país. Mariátegui busca nos valores do modo de vida indígena incaico elementos que sobrevivem na sociedade latino-americana e que são explicativos desta.

Autodidata e longe do espírito da universidade, Mariátegui propõe uma contribuição à crítica socialista, ao enfatizar que: *creo que no hay salvación para Indo-América sin la ciencia y el pensamiento europeos u occidentales* (MARIÁTEGUI, 2005a, p.13), e acreditava que assim encontrara o melhor modo de ser um latino-americano. O processo chamado de “peruanização do marxismo de Mariátegui” foi intenso entre outubro de 1924 e abril de 1930 – neste ano faleceu, em Lima, antes de completar 36 anos de idade.

Mariátegui teve a influência de diversos escritores², mas é especialmente marcante a presença de Marx em sua obra, no embasamento de sua teoria, bem como na base de sua crítica. Dedicou um livro exclusivamente para discutir o marxismo, sua crise, as releituras, o revisionismo e o projeto socialista, cujo título é *Defensa del marxismo* (MARIÁTEGUI, 2007).

Sobre os ensaios

No ano de 1928, Mariátegui escreve sua principal obra, *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Um marco na literatura do país, um esforço por fundamentar o fato econômico da história peruana, relacioná-lo com os problemas do índio e da terra, passando pelo debate da educação, da religião e da literatura. O trabalho investigativo e interpretativo de Mariátegui, que inicia na compreensão das condições materiais do Peru, se nutre da teoria marxista.

Nessa perspectiva, não se deve procurar por categorias em cada período, mas permanecer no terreno efetivo da história. Sem explicar a *práxis* a partir da idéia, é necessário compreender as formações de idéias a partir dos meios materiais, já que o primeiro pressuposto da história, constatável por via empírica, é a existência de indivíduos humanos vivos, que produzem seus meios de vida (MARX e ENGELS, 1989). Então, o que os indivíduos são, depende das condições materiais da sua produção, ou seja, daquilo que produzem e como produzem.

2 Influências de Karl Marx, Friedrich Engels, Georges Sorel, Proudhon, José Vasconcelos e outros.

A economia

Textos históricos de Marx, tais como *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte* (MARX, 1974) ou *A Guerra Civil na França* (MARX, 1975), apenas para citar alguns, utilizam a metodologia do materialismo histórico. São, portanto, importantes exemplos de como análises nas ciências sociais podem buscar a compreensão da realidade não através de categorias idealistas e fundamentalmente teóricas, mas ao contrário, estabelecendo uma relação dialética constante entre teoria e a vida empírica³. No pensamento historicamente determinado não se separa a produção de idéias e as condições sociais e históricas onde essas idéias foram produzidas⁴.

Foi também este o caminho percorrido por Mariátegui para compreender a realidade que analisava. Se lembrarmos o texto *O 18 Brumário*, Marx percebe que “o fantasma da revolução anda em todos os cantos”. Ele concorda com Hegel na observação de que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem duas vezes, mas acrescenta: a primeira como tragédia, a segunda como farsa. Não acontece diferente na análise histórico-econômica de Mariátegui (2005a) apresentada no ensaio que recebe o título *O esquema da evolução econômica*.

É interessante perceber que no processo histórico peruano, passado o período colonial – que dizimou o Império Inca –, conquistada a independência e instaurada a República, importantes características econômicas destes períodos anteriores permanecem definindo os contornos das relações sociais. Rompendo a visão evolucionista sobre o desenvolvimento econômico, afirma Mariátegui (2005a), coexistem no Peru elementos de três economias diferentes: a economia comunista indígena, a economia feudal e a economia burguesa. Da mesma maneira como o espírito comunista indígena sobrevive, a República não foi o suficiente para acabar com o espírito do feudo. Não foi o espírito burguês, mas sim o espírito oligárquico e colonialista que construiu a República. Mariátegui analisa diferentes períodos econômicos no Peru e inicia de certa forma um estudo da complexa genealogia da cultura e da ideologia peruana.

A economia que brotava espontânea e livremente no solo e da gente peruana durante o Império dos Incas, com agrupação de comunas agrícolas e sedentárias, foi

destruída pelos colonizadores espanhóis e suas máquinas de produção. O trabalho indígena parou de funcionar de modo solidário e orgânico e a Espanha se esforçou por dar uma organização política e econômica à sua colônia, cultivando o solo e explorando ouro e prata. Ergueu-se a base de uma economia feudal sobre as ruínas de uma economia socialista, com estruturas de empresa militar e eclesiástica. Vieram da Europa vice-reis, cortesãos, aventureiros, doutores e soldados. Poucos para explorar as riquezas do território. Sem formar uma força colonizadora, tornaram-se escravistas. Inspirados por uma mescla de respeito e desconfiança pelos Andes, deles jamais se sentiram realmente senhores. E assim Mariátegui (2005a) inicia uma síntese da coexistência de diferentes economias com importante influência na sociedade.

A Independência do Peru inicia uma nova fase como fato político e militar, orientado pelas idéias de revolução emancipadora, já que, românticos e heróicos, os caudilhos e ideólogos dessa revolução eram sensíveis às emoções da revolução francesa e da constituição norte-americana. Foram fundamentalmente as razões econômicas as responsáveis pela Independência da Hispanoamérica. Reservando-se como metrópole, a Espanha detinha, unicamente, o direito de todo o comércio e das empresas em seus domínios. A prioridade para interesses da população crioula é clara em relação aos interesses da população indígena.

Sob um enfoque da história mundial, a independência sul-americana estava a serviço do desenvolvimento da civilização ocidental capitalista. Na Inglaterra, sede do liberalismo e do protestantismo, a indústria e a máquina preparavam o avanço do capitalismo. O Império espanhol, com bases militares e políticas, representava uma economia superada, que enviava ao ocidente produtos do solo e subsolo da América do Sul. O fato ressaltado por Mariátegui é que o processo de colonização não terminou (e existe ainda hoje), com a nova etapa de passagem da economia feudal para a economia burguesa.

A descoberta do guano⁵ e do salitre, mais humildes e grosseiros que o ouro e a prata, marca a passagem da produção andina para a costa, local de fácil acesso para os barcos, e indica o período de economia costeira e agrária, acentuando o dualismo e o conflito. Na sociedade aristocrática e feudal, o crescimento do comércio de guano e salitre com a Inglaterra são os primeiros elementos sólidos do capital comercial e bancário e o início da ordem liberal burguesa. Segundo o autor, uma classe capitalista vigorosa precisava substituir o poder dos caudilhos militares. As concessões do Estado criaram o capitalismo e a burguesia, classe que se organizou logo ao civilismo e ao poder.

3 Enquanto no método dialético de Hegel, o pensamento ou a idéia existe como sujeito autônomo (ou seja, o processo do pensamento é o criador do real e o real é apenas sua manifestação externa), para Marx, ao contrário, desenvolvendo um método dialético materialista, *o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado* (MARX, 2006, p.28).

4 Tal separação entre as idéias e as condições sociais e históricas nas quais são produzidas é o processo que caracteriza a ideologia (CHAUÍ, 1981).

5 *Guano* – um dos principais produtos de exportação do Peru; composto de excremento de aves utilizado como fertilizante natural, coletado na costa do Pacífico.

O Peru incrementa o setor mineiro e mantém o caráter de país agrícola. O cultivo da terra ocupa a grande maioria da população nacional. O índio, que representa maior parte da população, é tradicionalmente agricultor. Com a primazia agropecuária, o país tem a economia – principalmente algodão, açúcar, couro e lã – no controle de latifundiários. O minério, o comércio e os transportes estão nas mãos de estrangeiros. As *haciendas* fecham suas portas para o comércio exterior. As cidades se formam nos vales e têm regras e impostos dos quais os latifúndios estão livres. A herança e a educação espanhola impedem os proprietários crioulos de distinguir entre capitalismo e feudalismo.

Mas o capitalismo é um fenômeno da cidade urbana, com o espírito do burgo industrial, manufatureiro, mercantil, livre da terra, do feudo, do campesinato. Os componentes morais, psicológicos e políticos do capitalismo, segundo Mariátegui (2005a), não parecem ter encontrado neste ambiente o seu clima, porque o capitalismo não é só uma técnica, é também um espírito. Um espírito, que encontrara sua plenitude nos países anglo-saxões sendo incipiente e rudimentar na América do Sul. No Peru, contra o sentido da emancipação republicana, foi o espírito do feudo – antítese e negação do espírito do burgo – o encarregado da criação de uma economia capitalista. Ao invés de novas lutas, viam-se paródias do passado.

Mariátegui, neste ensaio econômico, aplica o modelo marxista como ferramenta interpretativa, enfatizando a necessidade de adaptá-la à realidade peruana, com suas características próprias. A presença de quatro quintos da população indígena no país submetida a relações de exploração com *gamonales*⁶ configurava um cenário peculiar ao lado da minoria burguesa e do proletariado. Transpor o marxismo em uma aplicação mecânica e ortodoxa (LEER, 2005) seria um movimento contra a própria dialética.

O aumento da produção, o desenvolvimento alcançado pela divisão do trabalho, a separação entre trabalho industrial, comercial e agrícola, entre cidade e campo e os modos de exploração desde a antiga propriedade estatal e comunal, incluindo aí patriarcalismo, escravidão, estamentos e classes, foram analisados por Marx enquanto base da produção. Enquanto processo analítico, a leitura marxista ensina que a observação empírica tem que mostrar a interconexão da estrutura social e política com a produção. No texto *Oposição entre concepção materialista e idealista da história*, de Marx

6 *Gamonales* – Mais do que uma categoria social e econômica, dos latifundiários ou grandes proprietários de terra da América Latina, no *gamonalismo* está representado um conjunto de relações privilegiadas de dominação na política, no resultado de eleições, no mecanismo do Estado, no comércio com empresas estrangeiras que operam localmente, tratando-se de um fenômeno central para a hegemonia da grande propriedade semifeudal.

e Engels (1989) a produção de idéias, inclusive, todo o representar e o pensar, toda a produção intelectual, está entrelaçada com a atividade material. O mesmo vale para a linguagem da política, das leis, da moral, da religião e da metafísica de um povo. Os homens são os produtores de suas representações e a consciência não pode ser outra coisa do que o ser dos homens e seu próprio processo efetivo de vida.

O índio

A compreensão apresentada é explícita e criativamente trabalhada por Mariátegui no ensaio *O problema do índio* (MARIÁTEGUI, 2005a). De forma perspicaz ele identifica que muitas teses sobre o problema do índio serviram para ocultar a realidade. Assim ocorreu com teorias fundamentadas em princípios administrativos, análises e soluções centradas na visão jurídica, pensamentos e práticas que se desenvolveram com argumentos eclesiásticos, ou ainda longos debates com ênfase nas abordagens de raça, moral ou educação. Contrariando as diversas abordagens, Mariátegui defende a crítica socialista, que busca as causas do problema do índio na economia do país e não em seu mecanismo administrativo, jurídico ou eclesiástico, nem em sua dualidade ou pluralidade de raças nem nas condições culturais ou morais.

A idéia é defendida pelo simples fato de que a questão indígena tem suas raízes no regime da propriedade da terra, enquanto a feudalidade agrária condena os índios à miséria; o “gamonalismo” invalida toda lei de proteção indígena; o trabalho gratuito e forçado, proibido por lei, sobrevive no latifúndio.

Se a proteção dos índios fica reduzida a um problema de administração ou jurisdição, e por sua vez a legislação da República é essencialmente individualista e protetora da produção em larga escala, o latifúndio absorve as terras indígenas, que são comunais e não voltadas para a exportação. Se a opção é discutir um problema de fundo étnico, e toda a teoria se nutre de idéias imperialistas, o índio continuará cada vez mais subjugado. E se a questão do índio for tratada enquanto um problema moral? A concepção liberal, humanitária, iluminista em que a ordem política do ocidente anima os “direitos do homem” não aceita os valores indígenas. A solução eclesiástica é materializada na evangelização. E sobre o tratamento do índio enquanto um problema de educação: os educadores são os que menos pensam na realidade econômica e social.

Novamente, para Mariátegui, a questão indígena tem suas raízes no regime da propriedade da terra, nos problemas sociais, econômicos e políticos do país. A propagação de idéias socialistas no Peru trouxe um forte movimento de reivindicação

indígena e a consciência de que o desenvolvimento não levará ao bem-estar da população que em seus quatro quintos é indígena. Segundo Mariátegui (2005a), a solução do Peru tem que ser uma solução social e os realizadores, os próprios índios.

A terra

Deste debate anterior emerge outro ponto, tematizado no ensaio *O problema da terra* (MARIÁTEGUI, 2005a), pois as relações entre os problemas da terra e do índio são históricas e profundas. A questão agrária se apresenta – antes de tudo referente à liquidação do feudalismo no Peru, que deveria ter sido realizada pelo regime democrático-burguês formalmente estabelecido pela revolução da independência – como uma consequência lógica de sua ideologia. Mas o latifúndio se manteve e a grande propriedade agrária engrandeceu-se a despeito do liberalismo teórico da Constituição e das necessidades de desenvolvimento da economia capitalista. As expressões do feudalismo sobrevivente são duas: latifúndio e servidão. Não se pode liquidar a servidão que pesa sobre a raça indígena sem liquidar o latifúndio. Aparece em sua magnitude o fundamento do problema, que é econômico, social e político: resulta em vão tratá-lo como problema técnico-agrícola, do domínio dos agrônomos.

Porque, repetidamente na sociedade peruana, as questões do índio e da terra não seriam enfrentadas como um problema social e econômico? Este é um dos argumentos chave no marxismo e Mariátegui o compreendia bem.

Os pensamentos da classe dominante são os pensamentos dominantes em cada época, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é simultaneamente o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe com isso simultaneamente sobre os meios para a produção espiritual (MARX e ENGELS, 1989, p.206-207).

Ao refletir acerca da mercadoria, no livro *O Capital*, Marx (2006) escreve que os homens, frequentemente, fizeram de seu semelhante, na figura do escravo, por exemplo, a primitiva forma de dinheiro, mas só recentemente utilizaram terras para esse fim. Uma idéia que só poderia aparecer na sociedade burguesa já desenvolvida. Como ficaria então este problema da terra como mercadoria na sociedade estudada por Mariátegui?

A República no Peru conserva a propriedade da terra dos antigos senhores feudais, que – como intermediários do capital estrangeiro – adotaram a prática, mas não o espírito do capitalismo moderno. Mantém-se arraigada a mentalidade colonial, orgulhosa da superioridade do branco e convencida da inferioridade dos homens de cor (MARIÁTEGUI, 2005a).

A solução liberal para o problema da terra seria, conforme a ideologia individualista do capitalismo, o fracionamento dos latifúndios para criar a pequena propriedade. Esta medida não é utópica, nem herética, nem revolucionária, nem bolchevique, nem vanguardista, ao contrário, ela seria a solução ortodoxa, constitucional, democrática, capitalista e burguesa.

Mas as raízes do feudalismo ficaram por muito tempo intactas e sua subsistência foi responsável pelo retardamento do desenvolvimento capitalista. Se o regime da propriedade da terra determina o regime político e administrativo de toda nação, em uma economia semifeudal não prosperariam instituições democráticas e liberais. Em contraponto, o que ocorreu foi a manutenção da mentalidade colonialista e oligárquica, sem falar no fato peculiar, incontestável e concreto do sistema agrário peruano que é a sobrevivência da comunidade e de elementos de socialismo prático na agricultura e na vida indígenas.

A raça indígena é uma raça de agricultores, com valor central dado à comunidade ou ao *ayllu*⁷. Como herança dos Incas no Peru, para a comunidade indígena “a vida vem da terra”. O comunismo⁸ agrário incaico tinha os seguintes traços:

Propiedad colectiva de la tierra cultivable por el ‘ayllu’ o conjunto de familia emparentadas, aunque dividida en lotes individuales intransferibles; propiedad colectiva de las aguas, tierras de pasto y bosques por la marca o tribu, o sea la federación de ayllus establecidos alrededor de una misma aldea; cooperación común en el trabajo; apropiación individual de las cosechas y frutos (MARIÁTEGUI, 2005a, p.42).

7 *Ayllu* – Comunidade tradicional indígena, organizada em torno da família ampliada; hoje representa a base de movimentos sociais de valorização da identidade étnica.

8 Um interessante debate a respeito do comunismo aparece em nota de rodapé, quando Mariátegui trata sobre o problema do índio. Ele defende a tese da evidência histórica do comunismo incaico e distingue o comunismo da sociedade industrial de Marx do comunismo indígena e agrário, como sendo produtos de diferentes experiências humanas e formas de se relacionar com a natureza (Nota de rodapé nº15 de *El problema de la tierra*, MARIÁTEGUI, 2005a, p.70-73).

A vitalidade do comunismo indígena impulsiona variadas formas de cooperação e associação. Segundo Mariátegui, a comunidade corresponde a esse espírito. Quando a expropriação e a divisão de terras parecem liquidar a comunidade, o socialismo indígena encontra sempre um meio de rechaçá-la. O trabalho individual é substituído pela cooperação e pelo trabalho comum.

Sobre o marxismo latino-americano

A concepção tradicional marxista da análise de classe envolve o desenho de um “mapa social” incluindo a natureza das classes. Deve demonstrar as estruturas e os mecanismos de exploração e dominação na sociedade, e as diferentes maneiras de perceber como se extrai, se apropria e se aloca a mais-valia. Dessa forma, preocupa-se com o conflito entre classes, entre capital e Estado de um lado e o trabalho do outro, prestando atenção às pressões exercidas por diversos agrupamentos, como a pequena burguesia e os movimentos sociais (MILLIBAND, 1999). Mas como extrair essa análise de realidades diversas?

O mapa social do Peru, que emerge da obra de Mariátegui, não se resume em burguesia e proletariado. O materialismo dialético e histórico desenvolvido em sua obra revela de forma heterodoxa a complexidade de uma vida social onde os problemas da terra e do índio são primordiais, e o *ayllu* é mantido enquanto organização social⁹.

Como diria Octavio Ianni, o problema agrário na América Latina está na base da questão nacional, representando um dos seus aspectos mais importantes. “A história da formação da sociedade nacional latino-americana é a história de uma longa luta pela terra” (IANNI, 1988, p.14). Nesse sentido, Mariátegui sugere um elemento novo para a compreensão da realidade latino-americana ao afirmar que as questões da terra e do índio são parte de um mesmo problema. As especificidades culturais e étnicas não podem se resumir a uma abordagem culturalista, mas devem ser entendidas dentro de relações sociais de produção entre classes sociais historicamente determinadas, nas quais a economia exerce papel importante e que não pode ser desconsiderado.

Assim como a organização do proletariado faz-se necessária, Mariátegui também afirma ser uma tarefa americana a organização da cultura (ESCORSIM, 2006). Há uma unidade inextrincável entre política e cultura que só em sua totalidade é pas-

9 Para compreender a visão de Mariátegui sobre a impossibilidade de uma revolução burguesa nos moldes clássicos na América Latina e sua reflexão acerca do sujeito da Revolução Socialista, ver Calil (2007).

sível de análise. No livro *Por um socialismo indo-americano*, Mariátegui (2005b) afirma que, embora o socialismo tenha nascido na Europa, não pode ser considerado nem específico nem particularmente europeu, assim como tampouco pode o capitalismo. Trata-se de um movimento mundial onde participam todos os países que se movem na órbita da civilização ocidental. E nessa ordem mundial, a Indo-América pode e deve ter individualidade e estilo.

A criação literária de Mariátegui passa pela releitura e pela afirmação do marxismo, valorizando a produção intelectual que brota originalmente da América Latina. Na *Defesa do Marxismo*, texto escrito no início do século XIX, Mariátegui mostra que já na época diagnosticavam a crise e o fim desta abordagem, o que, quase um século e meio depois, ainda não ocorreu. Ao contrário, o marxismo permite a autocrítica e o abandono de suas próprias proposições errôneas ou superadas e a ampliação de conhecimentos e conceitos aplicáveis aos novos tempos e novas condições históricas, continuando como uma ferramenta útil e necessária de leitura, ação e transformação social.

O que Mariátegui escreveu sobre o Peru, em linguagem revolucionária, entre as décadas de 1920 e 1930, é ainda hoje atual e traz ensinamentos críticos para o estudo das ciências sociais em toda a América Latina. Suas contribuições permitem uma visão mais rica e complexa dos atuais eventos políticos da região, tais como o processo revolucionário da Bolívia, para dar um exemplo.

Pioneiro na análise concreta da realidade econômico-social desse continente, com forte inspiração no marxismo, o autor simboliza o início de uma tradição latino-americana (FORNET-BETANCOURT, 2001; LÖWY, 2006). Com seus escritos, José Carlos Mariátegui participa como um dos mais importantes intelectuais para a compreensão da história do desenvolvimento das idéias marxistas na América Latina.

Bibliografia

- BEIGEL, Fernanda. Los Siete ensayos y la “peruanización” de Mariátegui – Prólogo. In: MARIÁTEGUI, José C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Buenos Aires, Ediciones El Andariego, 2005.
- CALIL, Gilberto. *O marxismo de Mariátegui e a revolução na latino-americana: democracia, socialismo e o sujeito revolucionário*. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundogepal/GILBERTO%20CALIL.pdf>. Acesso em: julho de 2007.
- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia? In: JÚNIOR, Caio Prado, CHAUÍ, Marilena, KONDER, Leandro. *Primeiros Passos. O que é filosofia, ideologia, dialética*. São Paulo, Círculo do Livro, 1981.

- ESCORSIM, Leila. *Mariátegui: vida e obra*. São Paulo, Expressão Popular, 2006.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Transformación del marxismo*. Historia del marxismo en América Latina. México, Plaza y Valdes, 2001.
- IANNI, Octavio. "A questão nacional na América Latina". Estudos Avançados, São Paulo, v. 2, n. 1, 1988. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: junho de 2006.
- LEER NUESTRA AMERICA – Biblioteca de pensamiento Latinoamericano. *José C. Mariátegui*. Buenos Aires, Ediciones El Andariego, Año 1, N°3, 2005.
- LÖWY, Michel (org.) *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Buenos Aires, Ediciones El Andariego, 2005a.
- _____. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005b.
- _____. *Defensa del marxismo (1928-1929)*. Archivo José Carlos Mariátegui. Disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/mariateg/obras.htm>. Acesso em: junho de 2007.
- _____. "Anivesario y balance". *Amauta*, nº17, set., 1928.
- MARX, Carlos. La guerra civil em Francia. In: MARX, Carlos, ENGELS, Frederico. *Obras Escogidas*. Tomo I. Madrid, Ayuso, 1975.
- _____. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. MARX, Karl. *Os Pensadores*. Manuscritos Econômico-Filosófico e outros textos escolhidos. Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1974.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- _____. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: FERNANDES, Florestan. (org.) *Marx Engels – História*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.
- MARX, Carlos; ENGELS, Frederico. Oposição entre concepção materialista e idealista da história. In: FERNANDES, Florestan. (org.) *Marx Engels – História*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.
- SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. (coord.) *Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo, Boitempo, 2006.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Cronologia do processo editorial

Recebimento do artigo: 4-nov-2007 | **Envio ao avaliador:** 12-jan-2008 | **Recebimento da avaliação:** 18-jan-2008 | **Envio para revisão da autora:** 25-jan-2008 | **Recebimento do artigo revisado:** 11-mar-2008 | **Aceite:** 14-mar-2008.